

A guinlagem e o camaco⁵

Beto Vianna

Eu costumava rondar Ouro Preto na década de 80, quando conheci o Profeta Gentileza. Cabelos, barba e túnica longos e brancos, distribuindo flores e pregando o amor com tabuinhas coloridas, Gentileza era reputado visionário, sábio ou louco, como tantos outros no seu mesmíssimo estilo. Fosse como fosse, ele tinha algo precioso para compartilhar, que anos mais tarde ouvi minha professora Cristina Magro chamar de “higiene vocabular”. O velho repetia como um mantra: “não diga obrigado, diga *agradecido*”, e “não diga por favor, diga *por gentileza*”. Pedia-nos para abandonar termos senhoriais, convites à submissão e à negação do outro, e, em seu lugar, recomendava a assepsia da gentileza, que – também palavras do Profeta – “gera gentileza”.

Nesse ponto, tem gente que franze a sobrancelha: se falamos assim há tanto tempo, qual a razão de mudar? Outros sentem-se ameaçados, como se algo fundamental se quebrassem na mudança. Os primeiros estão justificados

⁵ Para aqueles pouco fluentes em *guinlagem camaco*, uma língua itabirana, o título deste artigo, traduzido para o português, é “A linguagem e o macaco”.

na medida em que a linguagem é um jogo de conservação na conversação, que permite, mas não garante, continuarmos a interagir com os demais membros da nossa comunidade (higiene em excesso leva ao isolamento, da mesma forma que a mania de limpeza leva ao risco de eliminar as bactérias erradas). Mas a sensação de desconforto surge pois, mais vezes do que se imagina, aquilo que falamos pode se tornar um entrave para avaliarmos se nossos projetos são tão bons quanto gostaríamos que fossem. Tomamos como “dado” práticas antigas que, de outro modo, faríamos melhor em mudar.

Veja nossa linguagem acerca da evolução biológica. Um fenômeno abordado com tal elegância por Darwin a ponto de, no ambiente acadêmico atual, não conseguirmos pensar em qualquer boa alternativa para a diversidade orgânica (o barulho em torno do “criacionismo científico” e do “design inteligente” tem mais a ver com um projeto de poder da direita evangélica yankee que com o debate acadêmico; aliás, juntar *criacionismo científico* e *design* com *inteligente*, nesse contexto, são dois belos exemplos de insalubridade vocabular crítica). Se o fenômeno da evolução é unânime entre nós, ainda há espaço para o debate sobre mecanismos evolutivos, a seleção darwiniana sendo apenas um deles (embora hegemônico nos últimos 80 anos, e, nos últimos 30, nem tanto). De todo modo, o que me interessa são as escolhas que fazemos ao falar de evolução, e isso tropeça no ambiente profissional do biólogo da mesma forma que em nosso mundo leigo.

Responda rápido e do fundo do coração: qual é o ser mais evoluído do planeta? A academia oferece bons motivos tanto para considerarmos que esse tipo de es-

colha não faz muito sentido quanto para pensarmos que “humano” é a resposta mais razoável.

Todo organismo é fruto de uma história comum de bilhões de anos; umas espécies surgiram mais, outras menos recentemente, e mesmo que fôssemos o produto mais recente da evolução (e não somos) nem mesmo podemos dizer que acumulamos mais “unidades de evolução”. Afinal, seres cuja geração conta-se em dias certamente mudaram milhares de vezes mais que nós, no mesmo período. Mesmo considerando apenas a espécie humana, desde seu surgimento há uns 200 mil anos, não parece haver nenhum sentido importante em que “nós” evoluímos (se nós tivéssemos evoluído, nós já não seríamos nós).

Mas e toda essa conversa sobre evolução humana? Antes de nos sentirmos ludibriados, é preciso ver que há um truque inofensivo aí. O que um biólogo chama de evolução humana é a história de uma linhagem, cujo broto final (ou seja, o foco da atenção) é nossa própria espécie. A medida canônica da linhagem é, ou o gênero *Homo*, ou nosso lado do ramo após a separação, há uns 6 milhões de anos, da linhagem viva mais próxima do humano (o gênero *Pan*: bonobos e chimpanzés). Mas em que sentido técnico é dito que o humano é “mais evoluído”? Fácil: somos mais inteligentes que o resto do mundo vivo, ou, usando o jargão da moda, temos mais “capacidade cognitiva”, e, coroando essa cognição privilegiada, “temos linguagem”. É aí que eu sugiro que todos nós, leigos e profissionais juntos, tomemos urgente um demorado banho de sal grosso.

Se há algo suspeito em escolhermos o humano (logo nós!) como o ser mais evoluído do planeta, não

há nada de espantoso no fato de você e eu, que estamos conversando por meio das linhas deste texto, sermos ambos humanos. Isso tem a ver com o fato de que as nossas escolhas vocabulares – a *forma* de nossas descrições –, tanto nos fazem pensar e agir de um jeito (e não de outro) quanto nos permitem conversar sobre certas coisas juntos (e não sobre outras). Se ampliarmos o suficiente o leque dessas escolhas, veremos que não apenas nossa comunidade (de, digamos, pessoas que já ouviram falar em “evolução biológica” e sabem ler português em caracteres latinos), mas centenas de milhões de outros organismos humanos poderão partilhar dessa nossa conversa, de um jeito que membros de outras espécies não poderiam. O que estou dizendo é que nossa multidão de escolhas vocabulares (que são nossas culturas), por mais heterogênea que seja (e ela é bastante), possui uma história comum: a história de nossa espécie. Mas digo também que esse jogo consensual não é garantia de que estabelecemos qualquer contato especial com a realidade que outros seres não estabeleçam (o que quer que signifique “contato com a realidade” – isso, sozinho, já merece uma boa lavagem). Não há nenhum sentido útil em dizer que evoluímos “mais” que nossos “competidores”, como numa maratona com um prêmio no final, ainda que os caminhos tenham se bifurcado ao longo da trajetória. Além do mais, qualquer outro percurso deve ser no mínimo tão bom quanto o nosso (ou o “deles” – macacos, repolhos, bactérias – não teria continuado até aqui, como continuou).

Nem todo mundo concorda comigo sobre o que chamo de “linguagem”, e mesmo alguns de meus colegas de “Biologia da libertação” indicariam meu nome

para candidato a uma assepsia, ao menos nessa questão. Mas como lingüista por formação, darwinista por opção e avesso a escadas evolutivas (levando da simplicidade à complexidade: nós, mamíferos) ou cognitivas (levando da escuridão à luz: nós, cientistas), prefiro entender a linguagem como um fenômeno irreduzivelmente relacional, implicado, ao mesmo tempo, na relação estabelecida a cada momento entre os organismos e na macro-história da evolução biológica. Se alguém quiser levar a sério as mudanças conceptuais que proponho, deve aceitar que, nessa dupla implicação, a linguagem não pode tomar a forma de um *produto* da evolução (humana) e de uma *pré-condição* para as relações (humanas). A referência a “objetos do mundo”, tão prezada como marca distintiva da humanidade, resulta de interações culturalmente contextualizadas, constituindo, aqui e agora, esse mesmo mundo.

A linguagem é o tecido da própria trama relacional onde se dão as interações orgânicas, e é na dinâmica do rompimento e fazimento dessa trama que se formam grupos populacionais suficientemente distintos entre si, e suficientemente coesos internamente, para que sigam diferentes percursos históricos particulares (as espécies) e realizem as diferentes possibilidades dessa história comum (as culturas).

Dizer que há uma distinção de grau entre “linguagem” (para o *H. sapiens*) e “comunicação” (para todo o resto) é confiar demais no antiquado vocabulário da Grande Cadeia do Ser (aquela que vai dos repolhos aos anjos), mal-disfarçado por uma confiança igualmente excessiva no vocabulário que torna o conhecimento humano mais próximo de um transcendente Ser do Mundo.

Demasiado humanos, já sabemos como decidir, consensualmente, aquilo que é bom ou ruim, e não há utilidade adicional em argumentar que temos uma superioridade intrínseca na manipulação do ambiente.

Na história particular de nossa linhagem, paramos de conversar com os outros macacos, mas nas conversas que podemos escolher entre nós mesmos, sempre haverá espaço sobrando para a velha e boa gentileza.